

## UM OLHAR OUTRO

Nasceu para se realizar todos os anos. Mas nasceu, como tantas outras iniciativas, sujeito a uma análise permanente, de modo a não se cair na rotina. Daí que sempre, ano após ano, a minha própria avaliação pessoal é confrontada com a avaliação de muitos outros: o que esteve bem e se deve continuar; o que não esteve bem e se tem de corrigir ou abandonar; o que, sendo bom, é susceptível de ser aperfeiçoado.

O Dia da Paróquia nasceu não como uma actividade mais mas para ser um Dia de Família, de encontro agradável de todas as famílias da Paróquia a uma mesa comum. E desde a primeira hora - foi em 10 de Junho de 2007 o primeiro Dia da Paróquia a convite do Prior actual - que se insiste na presença de todas as famílias inscritas (recebem, ainda hoje, um convite por escrito), de todos os grupos e movimentos, confrarias e irmandades. É que ser família tem também os seus rituais próprios. E faltar «destoa» e «fere» a família. Por isso, ainda hoje, se insiste na presença das famílias, por direito e dever, e se ajuiza, pela presença no Dia da Paróquia, o grau de fraternidade e de comunhão que existe ou não existe na Paróquia.

Também desde a primeira hora se decidiu - e se manterá por enquanto - que o almoço seria oferecido pela Paróquia, pedindo-se apenas um contributo para as despesas, entregue no ofertório da Missa, acto central do Dia. E ano a ano nos damos conta de que um significativo número de famílias presentes é de reduzidas possibilidades económicas, ajudadas mesmo pela Equipa Sócio-Caritativa, que, de modo algum, estariam presentes se lhes fosse pedido para levarem farnel. Felizmente que não tem faltado o sentido de partilha quando uma grande maioria de famílias leva e entrega bens alimentares para as sobremesas. Também neste ano tivemos, a 17 de Junho, o Dia da Paróquia. E convocamos os paroquianos para a Casa Clementina Rosa, em Sandiães, propriedade doada à nossa Paróquia pelos paroquianos Manuel da Silva Esteves e sua esposa Gracinda, nossos benfeitores, a quem todos nos devemos sentir muito gratos. Foram cerca de 220 as pessoas que se sentaram à mesa, preparada por uma equipa de cerca de vinte voluntários, sob a orientação cuidada e dedicada do Armando Carvalho e do Manuel Gonçalves.

A minha avaliação pessoal levou-me a hesitar se sim ou não repetiríamos no próximo ano o Dia da Paróquia ou, a fazê-lo, se manteríamos o figurino conhecido. Felizmente que a hesitação deu lugar a uma certeza: vamos continuar com o Dia da Paróquia em Sandiães. Porquê? Porque quer a equipa de trabalho - sempre os mais sacrificados de ano para ano com menos forças físicas e a acusarem cansaço natural - quer o Secretariado Permanente do Conselho Pastoral, que avalia a vida da Paróquia constantemente, foram unânimes em reconhecer que o Dia da Paróquia faz falta, tem o seu lugar próprio e as «deficiências» notadas são corrigíveis e fazem parte do ritmo da família que somos. Ora, se quem trabalha está disposto a continuar... porque o espírito é mesmo de voluntariado e leva a marca do amor de Jesus... logo o Dia da Paróquia vai continuar com o almoço oferecido a todos os participantes. Claro que a equipa merece bem que se criem melhores condições para para que haja cadeiras, mesas, pratos e talheres para todos... sejam 200 ou sejam 400.

De facto, não é de bom tom aparecer só no dia em que a Paróquia nos dá de comer de graça - nem pagamos nem temos de cozinhar - ou até ficar de lado sem uma participação na Eucaristia, que é e será sempre o acto central do Dia - apesar de sempre se insistir que quem não participa na Eucaristia não é contado para o almoço - ou então, contarmos com 140 pessoas inscritas e aparecerem 220 - com o natural nervosismo de quem se encontra junto das panelas ou da dispensa.

Mas nada disto, assim se avaliou, é suficiente para pôr em causa o quanto de maravilhoso se consegue quando nos juntamos em família paroquial, ocasião para nos conhecermos melhor, até nas brincadeiras que apreciamos uns nos outros. Corrigindo alguns aspectos de pormenor - lá voltaremos às inscrições e «senhas» de entrada - o local será o «nosso», em Sandiães, o que nos vai obrigar a criar algumas condições logísticas de modo a tornar o espaço mais aprazível, em contacto com a natureza, sempre necessário e oportuno para um convívio sadio.

Bem desejaríamos encontrar mecenas que nos permitissem as obras necessárias na casa em ruínas, cujo projecto de obras foi já aprovado, de modo a que as nossas famílias e grupos da Paróquia possam dele um dia vir a usufruir, crescendo na fe e numa relação humana sadia, por onde passa o anúncio de Jesus Cristo.

*O Prior de Barcelos - P. Abílio Cardoso*

## JOVENS MIRYAM



Em celebração simples mas expressiva, o nosso grupo de jovens Miryam assinalou o 2º aniversário da sua criação, com a admissão de dois novos membros. A Paróquia felicita-os e manifesta o seu apoio com muita esperança na sua «presença» e acção na comunidade paroquial.

EU APRENDI que a melhor sala de aula do mundo está aos pés de uma pessoa mais velha;

EU APRENDI que ter uma criança adormecida nos braços é um dos momentos mais pacíficos do mundo;

EU APRENDI que ser gentil é mais importante do que estar certo;

EU APRENDI que eu sempre posso fazer uma prece por alguém quando não tenho a força para ajudá-lo de alguma outra forma;

EU APRENDI que não importa quanta seriedade a vida exija de você, cada um de nós precisa de um amigo brincalhão para se divertir junto;

EU APRENDI que algumas vezes tudo o que precisamos é de uma mão para segurar e um coração para nos entender;

EU APRENDI que deveríamos ser gratos a Deus por não nos dar tudo que lhe pedimos;

EU APRENDI que dinheiro não compra "classe";

EU APRENDI que são os pequenos acontecimentos diários que tornam a vida espetacular;

EU APRENDI que debaixo da "casca grossa" existe uma pessoa que deseja ser apreciada, compreendida e amada;

EU APRENDI que Deus não fez tudo num só dia; o que me faz pensar que eu possa?

EU APRENDI que ignorar os fatos não os altera;

EU APRENDI que o AMOR, e não o TEMPO, é que cura todas as feridas;

EU APRENDI que cada pessoa que a gente conhece deve ser saudada com um sorriso;

EU APRENDI que ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa;

EU APRENDI que a vida é dura, mas eu sou mais ainda;

EU APRENDI que as oportunidades nunca são perdidas; alguém vai aproveitar as que você perdeu.

EU APRENDI que quando o ancoradouro se torna amargo a felicidade vai aportar em outro lugar;

EU APRENDI que devemos sempre ter palavras doces e gentis pois amanhã talvez tenhamos que engoli-las;

EU APRENDI que um sorriso é a maneira mais barata de melhorar sua aparência;

EU APRENDI que todos querem viver no topo da montanha, mas toda a felicidade e crescimento ocorre quando você está escalando-a;

EU APRENDI que quanto menos tempo tenho, mais coisas consigo fazer.



# Construir

Boletim Paroquial de Santa Maria Maior - Barcelos

Ano XIV - Nº 29 - 22 de Julho de 2018

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

## Se queres multiplicar, partilha o pouco que tens

Quem vive da fé ou está preparado para a surpresa ou então ainda não entendeu nada do mundo espiritual. É que Deus é por nós olhado a partir das nossas categorias muito humanas, esquecendo-nos que Ele está para além das nossas medidas. A experiência do crente, «estendida» ao longo do seu tempo histórico «amadurece» cada vez mais até dar como certo que Deus é surpresa permanente e só O «entendemos» quando permanecemos abertos para a surpresa. Convenhamos que estamos todos pouco preparados para isso. Preferimos sempre o calculismo programado.

Uma das razões do não entender o agir da Igreja de hoje - dizemos tantas vezes que ela não «aprendeu» a linguagem da contemporaneidade e que não sabe falar às gentes de hoje - está precisamente em considerá-la uma empresa humana a agir por princípios e com objetivos. A linguagem do servir Outrem, ou seja o Outro, Deus, afigura-se cada vez mais estranha num mundo que dispensa Deus. Não nos admiremos, portanto, do aparente fracasso da Igreja.

Diante dos textos bíblicos que a Liturgia de hoje nos apresenta, importa entrar no «mistério», na «surpresa» de Deus, que nunca se esgotará. Foi assim no tempo do profeta Eliseu, no tempo de Jesus e no tempo de Paulo. O servo de Eliseu não entendia como alimentar cem pessoas com «vinte pães de cevada e trigo novo». Mas o profeta manda distribuir e «ainda sobrou segundo a palavra do Senhor». Paulo apela a uma vida digna em caridade uns com os outros porque «há um só Baptismo e um só Deus que é Pai de todos» e é necessário «manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz». E Jesus desafia os discípulos a darem de comer a uma multidão de «cinco mil homens», a partir apenas de «cinco pães de cevada e dois peixes».

De notar que o gesto de Jesus acontece depois de ver uma grande multidão que o procura, que não O larga «ao ver os milagres que Ele realizava nos doentes», diz-nos S. João. Estes milagres acontecem nas multidões a quem Ele ensina «com autoridade». O ensinamento que leva à fé dispõe para «entender» o milagre que só Jesus pode fazer.

Mais que o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes importa sublinhar que tudo acontece quando o «rapazito» não se agarra aos «seus» cinco pães e dois peixes. Só quando ele os dispõe para todos é que o milagre de Jesus acontece. E sabemos que até poderia ser de outra maneira. É da partilha do que cada um tem - a vida, as qualidades, os bens... tudo é dom de Deus, logo, destinado a todos porque somos todos de Deus - que acontece a multiplicação para que todos possam ter o seu bocado. Não seria oportuno que os nossos políticos pensassem nesta realidade quando fazem cálculos e mais cálculos para acabarem com a fome no mundo? Não nos damos conta de que a fome só acabará quando os corações forem trabalhados para a partilha?

Saciada a multidão, Jesus manda recolher as sobras «para que nada se perca». De facto, há sempre «os outros», que hoje chamaríamos as periferias, obesas de bens materiais mas famintas de bens espirituais. Não terão direito estes «famintos espirituais» do pão de Deus, que os cristãos são chamados a partilhar?

O milagre acontece, ainda hoje, quando o ser humano deixa brotar em si as fontes de energia ocultas no mais profundo de si mesmo. E há sempre alguém que espera beber das nossas fontes. Quando nos daremos conta da maravilha que é poder comer o «pão de Deus» quando nos reunimos em nome do Senhor para a celebração da Eucaristia? A «seca» para alguns acaba por ser o «manancial» de vida para outros. Não será já tempo desta «partilha» uns com os outros?

*O Prior de Barcelos - P. Abílio Cardoso*

### REZAR A PALAVRA E CONTEMPLAR O MISTÉRIO

Senhor, chego com os "ontens" de afazeres, conquistas e fracassos, sementes lançadas pelo e no reino...

Chego a Ti que me esperas sempre, acalentas e acalmas: protege da vanglória e convida ao descanso.

Senhor, tenho saudades deste encontro, de me deixar embalar pelo som das Tuas palavras e pela brisa do Teu Espírito reconfortante e santificador.

Senhor, deixa-me dormir na Tua paz, mesmo sabendo que em breve o barco há-de desembarcar na fome de uma multidão sem pastor e, de novo, sairei para partilhar pão e peixes.

A VIRGEM PEREGRINA  
EM BARCELOS  
2015

PARÓQUIA DE SANTA MARIA MAIOR  
BARCELOS - 2018



À VENDA NO CARTÓRIO PAROQUIAL  
20,00 EUROS

DVD COM O FILME: 10.00



## A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO

## XVI DOMINGO DO TEMPO COMUM

O Senhor é meu pastor:  
nada me faltará

## Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

## Segunda, 23 – S. Brígida

Leituras: Gal 2, 19-20  
Jo 15, 1-8

## Terça, 24 – S. Sarbélío Makhluf

Leituras: Miq 7, 14-15. 18-20  
Mt 12, 46-50

## Quarta, 25 – S. Tiago

Leituras: 2 Cor 4, 7-15  
Mt 20, 20-28

## Quinta, 26 – S. Joaquim e S. Ana

Leituras: Jer 2, 1-3. 7-8. 12-13  
Mt 13, 10-17

## Sexta, 27 – Leituras: Jer 3, 14-17

Mt 13, 18-23

## Sábado, 28 – Santa Maria

Leituras: Jer 7, 1-11  
Mt 13, 24-30

## DOMINGO, 29 – XVII DO TEMPO COMUM

Leituras: 2 Re 4, 42-44  
Ef 4, 1-6  
Jo 6, 1-15

Segunda, 23 – Maria Cândida Barbosa da Costa

Terça, 24 – Manuel Ferreira Magalhães

Quarta, 25 – Celebração da Palavra

## Quinta, 26 – Intenções colectivas:

- Luís Soares, Alzira da Silva Carvalho e filho Manuel
- Isaura Amorim da Costa Lima Macedo
- Francisco Duarte Carvalho
- Joaquim Duarte Fiúza
- Manuel João Jesus Amaral (aniv.)

Sexta, 27 – Celebração da Palavra

## Sábado, 28 – Intenções colectivas:

- Manuel Mota Gonçalves e familiares
- Silvestre Martins Coutada, esposa Adelaide e filho Custódio
- Maria Rosalina Lopes Coelho
- Maria do Carmo Sousa Faria
- Leonel da Quinta Fernandes
- Licínio Santos (aniv. nascimento)

Domingo, 29 – 11.00 – Missa pelo povo  
19.00 –

## QUEM SE PREOCUPA COM A INTOLERÂNCIA ANTI-RELIGIOSA?

1. O crente não tem de ser anti-ateu. Será que o ateu terá de ser anticrente?

Sucedem que a novidade hoje já não é o ateísmo; é a atitude anti-religiosa. O que mais impressiona actualmente não é haver quem não tenha fé; é haver quem hostilize quem pretende viver a fé que tem.

2. O regresso da intolerância – assinalado recentemente por Lídia Jorge – não é um exclusivo da religião.

A intolerância vai assumindo também uma feição cada vez mais anti-religiosa.

3. No ocidente, esta intolerância não é feita através de uma perseguição declarada. Ela é tecida sobretudo através de condicionamentos e depreciações.

Na hora que passa, a religião não é abertamente combatida. Mas a sua expressão é crescentemente limitada e teimosamente retorcida.

4. Polarizado o tempo em torno do instante, o perene da mensagem tende a ser zurzido como retrógrado, desfasado. As manifestações de fé são, muitas vezes, truncadas e distorcidas. Há quem as apresente com um ar escarnejador e zombeteiro.

5. A semelhança dos outros poderes, também o poder mediático não é favorável à religião.

Em nome de uma presumida neutralidade, opta-se geralmente por um silenciamento. Este é pontualmente quebrado para expor aspectos marginais. Ou então – como

tem sucedido ultimamente – para explorar «ad nauseam» algumas fragilidades.

6. Acontece que, dada a sua capacidade para influenciar, os «media» acabam por formatar a sensibilidade das pessoas acerca da religião.

São muitos os que validam a mais improvável informação sem cuidar de conferir a respectiva veracidade.

7. Quem lê os documentos da Igreja? Quando muito, lê-se o que é dito – e mostrado – sobre tais documentos.

Sem nos apercebermos, não debatemos o que dizem directamente os Padres, os Bispos e o Papa. Passamos o tempo a discutir o que sobre eles passa nos jornais, nas televisões e nas redes sociais.

8. Dir-se-á que é a realidade, a que temos de nos habituar. O problema é que aquilo que é veiculado parece partir de arquétipos e preconceitos anti-religiosos.

9. Quantas não são as vezes em que temos de coar o que nos é transmitido, encaminhando os interlocutores para o encontro com a realidade e com as fontes? Mas há sempre quem tome uma possibilidade como um facto consumado. E não falta sequer quem transforme uma mera suspeita numa definitiva – e impiedosa – sentença.

10. Acresce que nesta intolerância quase ninguém repara. O direito de não crer é indiscutível. Mas será que o dever de respeitar quem crê é menos sagrado?

João António Pinheiro Teixeira, In 17.07.2018

## OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

- Anónimo – 10,00
- Anónimo – 60,00

TOTAL DA SEMANA – 70,00 euros

A transportar: 14.389,40 euros  
Despesas até agora: 26.723,96 euros

**AUSÊNCIA DO PÁROCO** – Como estava anunciado, o Prior encontra-se ausente até segunda-feira da próxima semana, em viagem pelo Brasil, com um grupo de 27 pessoas, em «peregrinação» pela natureza no santuário da ecologia, que é a Amazónia brasileira.

**DIA DOS AVÓS** – Celebra-se no próximo dia 26, quinta-feira, dia litúrgico dos santos Joaquim e Ana, pais de Nossa Senhora.

**ARCA DE EMPREGO – PRECISAM-SE (FONTE DO "I.E.F.P."):**

-Representante comercial p/Trofa, código 588 852 380;

-Electricista de construções p/Felgueiras, código 588 852 394;

-Soldador p/Braga, código 588 852 253;

-Trabalhadores não qualificados p/indústria transformadora p/Barcelos, código 588 852 246;

-Electromecânico p/Trofa, código 588 852 138;

-Empregado/armazém p/Felgueiras, código 588 852 140;

-Vendedor de Loja p/Viana do Castelo, código 588 852 237;

-Operador de empilhadores p/Trofa, código 588 852 099.

**PRECISAM-SE (DIVERSOS):**

-Desenhador gráfico p/Barcelos; contacto: 91 2510 361.

-Responsável p/embalamento + bruni-deiras + costureiras + pessoal p/corte, p/empresa têxtil na área de Barcelos; contacto: 253 849 110.

-Modelista de tecidos c/experiência p/empresa em Goios/BCL; contacto: 253 891 618.

-Funcionário p/restaurante em S. Bento da Várzea; contacto: 253 834 650.

## JESUS E A POLÍTICA

1. Em 2011, realizei um colóquio internacional sobre "Quem foi/Quem é Jesus Cristo?", com especialistas de vários horizontes do saber. Paulo Rangel foi um dos conferencistas. Ele acaba de publicar o texto, numa edição apoiada pelo Grupo do Partido Popular Europeu, com tradução para francês e inglês e uma belíssima reprodução da Pietà (segundo Delacroix) de Van Gogh, 1889: Jesus e a Política. Reflexões de Um Mau Samaritano. Para a apresentação, convidou o ex-presidente da Assembleia da República, Jaime Gama, agnóstico, e o filho deste, João Gama, católico, professor de Direito Fiscal na Universidade Católica. O Salão Árabe do Palácio da Bolsa foi pequeno para acolher centenas de pessoas, numa grande noite cultural sobre Jesus.

2. Qual é a tese de Paulo Rangel, que se define a si mesmo como "cristão de cultura católica" "e não simplesmente um católico"? Em Jesus, não há "a ousadia de um programa temporal e o risco de um projecto social ou societal", "pensamento ou ensinamento político". Porque "o ensinamento de Jesus aspira à totalidade, mas não é total". O próprio poder sabe que "não é ao poder que Jesus vem, nem é ao poder que Jesus vai". A proposta de Jesus dirige-se a todos e a cada um, sem excluir ninguém, numa "política do amor", uma contradição nos termos, porque transcende a política. Jesus não foi político nem fez política, "mas não deixa de ser politicamente perturbador e politicamente relevante". "Jesus e o Seu ensinamento estão de tal maneira alheados dos limites quase físicos da política que representam um marco de "provação à política", de "provação" política."

Daí, a pergunta essencial de Rangel: a que título o poder precisou de desfazer-se dele, num julgamento? Podia tê-lo feito de modo expedito, armando uma cilada, por assassinio...

3. Numa brilhante intervenção de cariz teológico, Jaime Gama deu indicações para expandir as reflexões de Rangel. "Estamos perante um texto louvável, mas redutor, porventura demasiado espiritualista, demasiado individualista na utilização que faz do texto neotestamentário e não enquadrando tudo num contexto mais vasto e geral que é aquilo que constitui na verdade a presença testemunhal da Igreja de Cristo na sociedade humana e no próprio ordenamento cósmico, desde a sua origem até ao Apocalipse." Não há referência à relação de Jesus com o Pai nem à presença do Espírito Santo na Igreja, Povo de Deus, de tal modo que, dessubstancializando a doutrina e mensagem cristológica, não se permite, por exemplo, uma Doutrina Social da Igreja, "a possibilidade de definir uma doutrina inspiradora para a responsabilidade dos homens no quadro da criação". João Gama seguiu outra via: "Aquilo que Paulo Rangel não diz, e eu penso que ninguém diz, é que Jesus é um não político." Jesus joga com "a surpresa na política: o amor", um amor que "não é só dar a outra face, é a destruição da inimidade do inimigo". Por isso, é um provocador da política. Se se pensar bem, o reino político "também não é deste mundo": há a necessidade de querer um mundo melhor e transformá-lo. Assim, não concorda com o subtítulo da obra, porque "todo o político, mesmo o mau, é um bom samaritano". O mau samaritano é aquele que fica a ver e nada faz.

4. Coube-me abrir o debate e moderá-lo. Jesus é "figura determinante" (K. Jaspers) na história da humanidade, incompreensível sem ele. A sua influência é decisiva: foi, por exemplo, por seu intermédio que a ideia de pessoa veio ao mundo. Mesmo se teve de impor-se contra a Igreja institucional, não é por acaso que a doutrina dos direitos humanos nasceu em contexto, também geográfico, cristão. Vários pensadores de renome o sublinharam: foi pelo cristianismo que soubemos da "infinita dignidade" do homem (Hegel), que nenhum ser humano pode ser tratado como "gado" (E. Bloch), "um homem, um voto" é a tradução política da fé religiosa na relação de Deus com cada ser humano (J. Habermas). A laicidade do Estado, que garante a liberdade religiosa de todos, já estava em germen na palavra de Jesus: "A César o que é de César e a Deus o que é de Deus." Jesus não pretendeu conquistar o poder para impor um programa político, mas deixou a igualdade de base, a justiça, a dignidade de todos como critério de "Juízo Final" e da religião verdadeira, sem nada de confessional: "Tive fome e destes-me de comer; tive sede e destes-me de beber; vestistes-me, fostes visitar-me, estando eu doente ou na cadeia..." Na fé na ressurreição de Jesus anuncia-se a vida eterna, e, como observou Tocqueville, enquanto os homens acreditaram na eternidade, até neste mundo construíam de modo durável; hoje, sem eternidade, o tempo reduz-se a instantes que se devoram uns aos outros e, vivendo num presentismo niilista, até a política se ressentem do curto-prazismo. No Salão Árabe, vinha à mente a urgência da reflexão sobre o diálogo intercultural e inter-religioso.

por ANSELMO BORGES, In DN 04 julho 2015